

HISTÓRIA DA ARTE OCIDENTAL

UM AUTOR UMA OBRA

José Manuel Russo [2021]

26

O SIMBOLISMO



*Pierre Puvis de Chavannes * L'Été, 1891*

BIBLIOGRAFIA

- CIRLOT, Lourdes (ed.) – *MUSEU DO HERMITAGE, SÃO PETERSBURGO*, Planeta de Agostini, Barcelona, 2005
- CIRLOT, Lourdes (ed.) – *MUSEU D'ORSAY, PARIS*, Planeta de Agostini, Barcelona, 2005
- GOMBRICH, E. H. – *ART & ILLUSION*, Phaidon Press, Oxford, 1977
- GOMBRICH, E. H. – *THE STORY OF ART*, Phaidon Press, Oxford, 1972
- HILTON, Timothy – *THE PRE-RAFAELITES*, Thames & Hudson, London, 1970
- HUYGHE, René (ed.) – *ART AND MANKIND (VOL. 4)*, Hamlyn, London, 1965
- LUCIE-SMITH, Edward – *SYMBOLIST ART*, Thames & Hudson, London, 1972
- JANSEN, H. W. – *HISTÓRIA DA ARTE*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1972
- PRESTON, Stuart – *ÉDOUARD VUILLARD*, Harry N. Abrams Inc., New York, 1985

ÍNDICE

L'APPARITION , 1876 Gustave MOREAU (1826 – 1898)	01
LE PAUVRE PÊCHEUR , 1881 Pierre PUVIS DE CHAVANNES (1824 – 1898)	02
DIE TOTENINSEL III , 1883 Arnold BÖCKLIN (1827 – 1901)	03
L'ENTRÉE DU CHRIST EN BRUXELLES , 1888 James ENSOR (1860 – 1949)	04
DIE NACHT / DER TAG , 1889-90 / 1899 Ferdinand HODLER (1853 – 1918)	05
I LOCK MY DOOR UPON MYSELF , 1891 Fernand KHNOPFF (1858 – 1921)	06
FEMME ACCOUDÉE À LA TABLE , 1893 Eugène CARRIÈRE (1849 – 1906)	07
DE DRIE BRUIDEN , 1893 Jan TOOROP (1858 – 1928)	08
SALOMÉ – THE PEACOCK SKIRT , 1893-94 Aubrey BEARDSLEY (1872 – 1898)	09
OPHÉLIE , 1900-05 Odilon REDON (1840 – 1916)	10



L'Enfant malade, Carrière

La Dame au pantin, Rops



Jeune Fille portant la tête d'Orphée, Moreau



O **Simbolismo** foi um movimento cultural que surgiu em França nos finais do séc. XIX, abrangendo a literatura, o teatro e a pintura.

O nome apareceu depreciativamente quando Zola criticou *Salomé dansant devant Hérode* de Gustave Moreau. No entanto, é definido por Jean Moréas ao publicar o artigo *Le Symbolisme*, no jornal francês *Figaro*, na sua edição de 18 de Setembro de 1886.

Movimento de inspiração romântica, surge como oposição ao Realismo, ao Naturalismo e ao Impressionismo, em favor da espiritualidade na arte – do Misticismo, do Fantástico ou do Onirismo, ou mesmo do Esoterismo, do Satanismo, do Terror ou do Erotismo.

Alguns artistas estiveram mesmo ligados a organizações esotéricas, como a *Ordre de la Rose+ Croix du Temple et du Graal*, fundada em 1890 por Joséphim Péladan, que organizou os *Salon de la Rose+ Croix*.

Em França destacaram-se: **Gustave Moreau**, **Odilon Redon** e **Pierre Puvis de Chavannes**.

Na Bélgica, o grupo simbolista *Les XX* contou com **James Ensor**, **Fernand Khnopff**, **Félicien Rops** e **Jan Toorop** (Holanda).

Na Rússia também se formou um importante movimento simbolista com **Mikhail Vrubel**, **Mikhail Nesterov** ou **Victor Borisov-Musatov**.

Origens

- Política – Guerra Franco-Prussiana de 1870; Comuna de Paris;
- Pensamento filosófico – Rosacruzianismo;
- Literatura – «Fleurs du Mal» (1868) de Charles Baudelaire; Stéphane Mallarmé; Paul Verlaine;
- Arte – Movimento da Irmandade Pré-Rafaelita; Esteticismo; Edvard Munch;
- Sociedade – Oposição às cortes Imperiais;
- Manifesto Simbolista (1886), de Jean Moréas.

Características nas Artes Visuais

- **Simbolismo** – ausência de idealização ou dramatismo;
- **Temas** – Bíblia e religião; mitologia; pobreza;
- **Composição** – horizontalidade, ausência de dramatismo;
- **Paleta** – cores suaves, contraste;
- **Modelos** – família, personalidades da sociedade.



Gustave Moreau

1826 – Nasce a 6 de Abril em Paris; 1841 – Realiza uma viagem a Itália com a mãe;
 1844 – Estuda no atelier do pintor François Édouard Picot; 1846 – Entra na *École des Beaux-Arts*;
 1849 – Falha o *Prix de Rome*, abandona o ensino – conhece Th. Chassériau; – Desenho de Retrato;
 1852 – Expõe no *Salon de Paris* «Pietà» – influência de Delacroix; Adquire o primeiro Atelier;
 1857 – Viagem a Itália – cópias de pintores italianos;
 1859 – Regresso a Paris – inicia grandes projectos inabados;
 1860 – Conhece **Alexandrine Dureux**, sua amiga de sempre – pinta «La Péri», um leque;
 1864 – Participa no *Salon de Paris* com «Célope et le Sphinx», seu primeiro sucesso;
 1876 – Regressa ao *Salon* com «Salomé dansant devant Hérode» – nasce o Simbolismo;
 1891 – Substitui Jules-Élie Delaunay na *École des Beaux-Arts*;
 1898 – Morre a 18 de Abril em Paris, com um cancro de estômago.

«A Aparição»

Obra exposta no *Salon de Paris* em 1876, juntamente com «Salomé dansant devant Hérode», inspira-se numa cena bíblica em que Herodes promete satisfazer a Salomé qualquer desejo seu se dançar para si. Salomé aceita e, incitada pela mãe Herodíade, pede a cabeça de São João Batista numa bandeja. Apreensivo, Herodes cumpre o seu desejo.

Nesta aguarela, representa-se Salomé executando uma dança perante Herodes Antipas, sentado no trono atrás de si, e Herodíade, a seu lado. Pela sua frente, surge uma visão da cabeça de São João Batista. Uma jovem toca um *oud*, acompanhando a dança de Salomé e o carrasco, de pé, seguda uma espada.

Moreau que até aqui se dedicava a temas históricos e da mitologia, apresentou duas obras sobre o tema bíblico, das quais executaria outras versões a óleo, indicam o início de um percurso em direcção ao Simbolismo e, de certa maneira, prenúncio do Surrealismo.

A figura de Salomé sempre se envolveu de uma profunda sensualidade e desejo, mas a sua postura, como a de uma estátua, e o seu olhar perante aquela visão espelham o medo.

O ambiente orientalizante, talvez inspirado no Alhambra, o vestuário, a riqueza das jóias que adornam Salomé, nos seus aspectos decorativos de grande minúcia evidenciam a influência do Esteticismo que também inspirou os Pré-Rafaelitas.



Pierre-Cécile Puvis

- 1824 – Nasce a 14 de Dezembro em Lyon; – Estuda com Henry Scheffer e Thomas Couture;
- 1856 – Conhece a princesa moldava **Marie Cantacuzène**, sua musa, modelo e companheira;
- 1861 – Expõe no *Salon de Paris* «La Guerre» e «La Paix» – pintura Alegórica;
 Pintura de grandes murais: «Concordia», «Bellum»;
- 1863 – Pinta os murais «Le Travail», «Le Repos»;
- 1867 – Condecorado *Chevalier de la Légion d'Honneur*;
- 1882 – Pinta «Ludus Pro Patria», instalado no *Musée de Picardie*, em Amiens;
- 1874 – Realiza o mural no Panthéon «L'Education de Sainte Geneviève»;
- 1890 – Fundador da nova *Société Nationale des Beaux-Arts*;
- 1893 – Realiza o segundo mural no Panthéon «La Vie Pastorale de Sainte Geneviève»;
- 1898 – Casa-se com **Marie Cantacuzène**, que morre em 29 de Agosto;
- 1898 – Morre a 24 de Outubro em Paris, sendo sepultado no Antigo Cemitério de Neuilly-sur-Seine.

«O pobre pescador»

Presente no *Salon de Paris* em 1881, Chavannes realizou um estudo prévio em litografia púrpura sobre papel (47 x 62 cm), que actualmente faz parte do espólio do Museu Van Gogh, Amsterdão. A obra representa um pescador viúvo, dentro do seu barco, aguardando pacientemente pela captura de peixe. Na margem, a sua filha mais velha, deixada a cuidar do seu irmão bebé, apanha flores ajoelhada sobre o terreno.

As formas simplificadas e figuras rígidas, as cores planas e não naturais, a melancolia do tema e o desalento do pescador, aspectos criticados pelo crítico Auguste Balluffe após a exibição da obra, resultam da transposição para a pintura de cavalete de toda a sua vasta experiência como muralista. Ao transformar esta cena de pobreza abjecta como um tema da mitologia ou da história não é mais do que a preocupação de Puvis de Chavannes com a situação dos desprivilegiados, afirmando que «os verdadeiros pobres, que diabo, são invisíveis».

Apesar de pouco compreendido pelos seus contemporâneos, foi apreciado pelos artistas que procuraram evoluir as técnicas e as temáticas da arte, como Odilon Redon e os Nabis.



Arnold Böcklin

- 1827 – Nasce a 16 de Outubro em Basileia, na Suíça;
 1845 – Estuda na *Kunstakademie Düsseldorf* com Johann Schirmer; Viagem a Antuérpia e Bruxelas, onde estuda a pintura flamenga; 1848 – Paris – pintura de paisagem;
 1850 – Vai para Roma – pintura de Alegoria e de Mitologia;
 1853 – Casa-se com **Angela Rosa Lorenza Pascucci**; 1856 – Muda-se para Munique;
 1859 – Pintura da sala de jantar da casa de Karl Wedekind «Pan im Schilf» (Pan nos juncos);
 1862 – Regressa a Roma «Frau Böcklin» – cores mais vivas e violentas;
 1866 – Regressa a Basileia; 1868 – Frescos no salão de jardim de Jacob Burckhardt;
 1874 – Muda-se para Florença – pinta a «Pietà», «Prometheus»
 1886 – Muda-se para Zurique; 1892 – Muda-se para a sua propriedade *Villa Bellagio*, em Fiesole;
 1901 – Morre a 16 de Janeiro em Fiesole, sendo sepultado no *Cimitero degli Allori*.

«A ilha dos Mortos III»

Entre 1880 e 1901, Böcklin realizou seis versões da «Ilha dos Mortos», tendo esta sido pintada para o seu negociante de arte Fritz Gurlitt. Em 1933 foi adquirida por Adolf Hitler.

A obra representa um ilhéu isolado e rochoso visto de um mar de água escura. Um pequeno barco a remos aproxima-se de um paredão na costa com um cais, manobrado com um remo de popa pelo barqueiro. A bordo, de frente para o cais, está uma figura de pé, totalmente vestida de branco, tendo à sua frente um caixão coberto de branco, decorado com festões. A ilha é cercada por íngremes penhascos, com aberturas sepulcrais nas suas faces (uma delas encimada por AB), e dominada por um denso bosque de altos e escuros ciprestes (associados a cemitérios e a luto). Böcklin não atribuiu particular significado à pintura, apenas que “ela deva produzir uma tal quietude...” e o título foi atribuído por Fritz Gurlitt. Mas a razão da sua existência poderá estar ligada à morte da sua primeira filha recém-nascida, entre outros que viriam a ter o mesmo infortúnio.

O pintor, residente então em Florença, utilizou como cenário o *Cimitero degli inglesi*, exactamente onde a filha fora sepultada. Além do cemitério, a imaginação de Böcklin foi buscar inspiração para o seu ilhéu à ilha grega de *Pontikonisi* e ao *Strombolicchio* na Sicília, assim como o tema da morte invoca Caronte, o barqueiro que na mitologia grega transportava almas para o submundo pelo rio Aqueronte.



James Sidney Edouard, Barão Ensor

- 1860 – Nasce a 13 de Abril em Oostende, na Bélgica;
- 1877 – Estuda na *Académie Royale des Beaux-Arts* em Bruxelas;
- 1883 – Fundador do grupo vanguardista *Les XX* – pintura de mascarados;
- 1888 – Pintura de temas religiosos; 45 desenhos – «O tormento de Cristo pelos demónios»;
- 1889 – O *Salon des XX* recusa «L'Entrée du Christ à Bruxelles» e é afastado do grupo;
- 1898 – Organizador do *Bal du Rat mort*, festa no final de Carnaval em Oostende;
- 1902 – «Os sete pecados mortais», série de desenhos;
- 1906 – Improvisa e compõe música (nos últimos anos dedica-se exclusivamente à música);
- 1929 – Exposição retrospectiva *Palais des Beaux-Arts*, em Bruxelas;
- 1949 – Morre a 19 de Novembro em Oostende, sendo sepultado em Mariakerke.

«A entrada de Cristo em Bruxelas»

Exposta ao público pela primeira vez no *Palais des Beaux-Arts* em 1929, representa um desfile de carnaval cheio de máscaras, bonecos, palhaços e caricaturas caminhando na direcção do espectador. Cristo surge montado num burro, entre os dois grupos do cortejo sob uma grande faixa com o texto «*Vive La Sociale*». Na frente um bispo pomposo lidera o desfile de juizes emproados, cidadãos presunçosos, mulheres de pescadores, um médico com um chapéu de feiticeiro, um grupo de músicos, um casal apaixonado e um bispo pomposo tocando um enorme tambor, talvez **Émile Littré**. À direita, o presidente da câmara e os seus vereadores estão vestidos de palhaço.

A obra possui sem dúvida um sentido crítico à sociedade, religiosa, política e em geral, e as suas convenções – o Cristo, num auto-retrato de **Ensor**, tal como o artista é um visionário ultrapassado pelas massas, a agitação, a fanfarra e os aplausos são no fim a expressão da sua solidão no seio da ignorância. É ainda uma crítica às convenções do academismo existente numa obra de Jan Verhas «A procissão das escolas» de 1878.

A técnica de Ensor não foi de todo convencional – utilizando o pincel em ambos os lados, cerdas e cabo, “facas de paleta” e espátulas, em camadas grossas de pigmento numa multiplicidade de cores – para representar o grande número de pessoas em dimensões cada vez mais pequenas. A composição é igualmente desconcertante, confusa, numa perspectiva sem um ponto de fuga. Esta pintura é considerada por muitos precursora do Expressionismo.



Ferdinand Hodler

1853 – Nasce a 14 de Março em Berna, Suíça; – Educado pelo padrasto na pintura de tabuletas;
 1867 – Aprendiz de Ferdinand Sommer em Thun; 1873 – Estuda com Barthélemy Menn em Genève;
 1875 – Viagem a Basileia – estuda Holbein; 1878 – Viagem a Madrid;
 1881 – «Auto-retrato, o zangado» – retrato do desespero e da pobreza; Exposto no *Salon de Paris*;
 1889 – Casa-se com **Bertha Stucki** até 1891; 1897 – Casa-se com **Berthe Jacques**;
 1892 – Expõe «Die enttäuschten Seelen» no *Salon de la Rose+Croix* – membro da Sociedade;
 1900 – Membro da Secção de Viena e de Berlim; 1904 – Membro da Secção de Munique;
 1912 – «Selbstbildnis mit aufgerissenen Augen»; 1917 – Sofre de edema pulmonar;
 1918 – Morre a 19 de Maio em Genève, sendo sepultado no *Cimetière de Saint-Georges*.

«A Noite / O Dia»

«A Noite» foi recusada pela Exposição no *Musée Rath* de Genebra, por ser considerada obscena, mas, poucos meses depois, foi aceite no *Salon de Paris*, tendo uma apreciação positiva por parte de Puvis de Chavannes e de Rodin. Mais tarde, viria a ser apresentada na *Exposition Universelle de 1900*, em Paris, juntamente com «O Dia».

Na primeira, representam-se várias figuras reclinadas, homens e mulheres, todas elas envolvidas num sono profundo, com excepção do homem do meio que apresenta uma expressão agitada e assustada perante a ameaçadora figura envolta em preto – símbolo da morte. As duas mulheres retratadas em primeiro plano são, à esquerda, a modelo **Augustine Dupin**, de quem teve um filho, a sua esposa **Bertha Stucki**, à direita de costas.

Na segunda, *Der Tag*, representam-se várias figuras nuas, mulheres, sentadas sobre os lençóis, como que despertando de um profundo sono, despertam para o dia, para a vida.

Hodler, nestas duas obras tematiza os motivos do sono, da morte e da sexualidade. Como Puvis de Chavannes, dedicou-se mais a murais de grande escala, realizados num estilo simplificado, procurando «... dar expressão à beleza, o elemento externo da natureza: extrair da natureza a beleza essencial.»

Hodler desenvolveu a teoria das linhas paralelas, bem como da simetria e da repetição, como uma inerência da natureza. Em *A noite* é evidente a horizontalidade, enquanto em *O dia* se destacam as verticais, linhas definidas pelos corpos das figuras humanas.



Fernand Edmond Jean Marie Khnopff

- 1858 – Nasce a 12 de Setembro em Gremberger, na Bélgica;
- 1875 – Estuda direito na *Université libre de Bruxelles* – interesse pela literatura;
- 1876 – Frequenta o curso de Desenho de Natureza da *Académie Royale des Beaux-Arts*;
- 1879 – Em Paris frequenta o atelier de Jules Lafévre;
- 1883 – Fundador do grupo vanguardista *Les XX* – autor do monograma;
- 1889 – Conhece a irmandade Pré-Rafaelita – amizade com Burne-Jones;
- 1892 – Expõe nos *Salons Rose-Croix* em Paris;
- 1898 – Participa na exposição da Secessão Vienense, em Viena com sucesso;
- 1902 – Constrói a Casa-atelier em Bruxelas;
- 1910 – Ferido nos olhos na sequência de um incêndio; Frequenta a *Église de la Nouvelle Jérusalem*;
- 1921 – Morre a 12 de Novembro em Bruxelas, sendo sepultado no *Cimetière de Laeken*.

«Eu tranco a porta sobre mim própria»

Presente no *2ème Salon Rose+Croix* em 1893, o título da pintura é retirado do poema «Who Shall Deliver Me?» de Christina Rossetti, irmã de Dante Gabriel.

Nela se representa uma jovem atrás de uma mesa, altar ou túmulo (?), de queixo apoiado nas mãos entrelaçadas, olhando para o infinito. Na sua frente, distribuem-se três lírios murchos cor de laranja. O cenário, marcado por círculos, quadrados e rectângulos, compõe-se de três partes – a primeira com um motivo floral decorativo, talvez um espelho e a janela de uma porta que parece não dar acesso a lado nenhum; a segunda, dividida horizontalmente, contém o busto de *Hipnos*, deus grego do sono e irmão de *Tanatos* (deus da morte), com uma asa azul como eco do cabelo ruivo da jovem, e uma papoila vermelha; o terceiro com uma figura isolada numa paisagem desolada. Estão representados outros objectos, como um pequeno talismã em forma de coroa balançando numa corrente de prata, um rosto dentro de dois círculos (à direita) e o longo objecto azul na sua frente, uma lança (?).

Knopff recorre à irmã **Marguerite** como modelo das suas mulheres *Esfinge* ou *Anjo*, de olhar no vazio que evoca a morte, um olhar que evoca um outro mundo. É uma composição plena de mistério, uma mulher cercada de objetos carregados de símbolos ou imersos num profundo devaneio, no entanto de uma precisão extrema, tanto no seu desenho como no seu posicionamento.



Eugène Anatole Carrière

- 1849 – Nasce a 16 de Janeiro em Gournay-sur-Marne; – Infância em Strasbourg, na Alsácia;
 1869 – Estuda na *École des Beaux-Arts* com Alexandre Cabanel;
 1877 – Viagem a Londres – conhece a pintura de Turner; – Casa-se com **Sophie Desmouceaux**;
 1879 – Expõe no *Salon de Paris* sem causar grande impacto no público;
 – Trabalho comercial – cartões de felicitações e trabalho na fábrica de porcelana em Sèvres
 – amizade com Rodin;
 1885 – Expõe «L'Enfant malade», que lhe valeu algum reconhecimento;
 1889 – Expõe no *Salon de Paris*, ganhando a medalha de honra;
 1899 – Funda a *Académie Carrière* – Henri Matisse, Jean Puy e André Derain foram seus alunos;
 1906 – Morre de câncer de garganta a 27 de Março em Paris, sendo sepultado no *Cimetière de Montparnasse*.

«Mulher apoiada na mesa»

A obra representa uma mulher em estado de meditação com a cabeça apoiada na mão, cujo braço tem o cotovelo pousado sobre uma mesa. Os dedos da sua outra mão estão pousados à sua frente com sutileza na mesa.

Carrière desenvolveu principalmente dois temas – o ambiente doméstico, a família, em particular, a maternidade, a mãe com os seus filhos, e o retrato – pintou P. Verlaine, G. Clemenceau, I. Duncan ou Gauguin. Pensa-se que por inicialmente ter alguma dificuldade em pagar a modelos, recorrendo por isso aos membros de sua família ou a amigos. No entanto, será mais do que isso, de todos os simbolistas da época é o pintor que está mais ligado ao *Romantismo* e menos ao *Esteticismo*. Eugène Carrière é reconhecido por um estilo muito próprio, pelas suas pinturas monocromáticas em claro-escuro de tons dominantes de castanho e cinzento, de características semelhantes a um camafeu.

O artista envolve os seus personagens numa espécie de nevoeiro castanho amarelado, num ambiente nebuloso e escuro pouco visível, do qual se destacam as mãos e as suas características faciais, criando uma situação de grande intimidade.

Carrière afirmava que «*A absoluta síntese do mundo numa simples criatura é visível em todo o seu esqueleto, a qual é uma expressão completa da verdadeira beleza.*»



Johannes Theodorus Toorop

- 1858 – Nasce a 20 de Dezembro em Poerworedjo, Java; 1869 – Muda-se para a Holanda;
- 1880 – Estuda na *Rijksakademie* em Amsterdão; 1882 – Vive em Bruxelas;
- 1883 – Conhece o pintor William Degouve de Nuncques – adere ao grupo *Les XX*;
- 1886 – Casa-se com a britânica **Annie Hall** – vive entre Haia, Bruxelas e Inglaterra;
- 1890 – Adquire casa em Katwijk aan Zee – Simbolismo;
- 1897 – Muda-se para Domburg;
- 1900 – Retrato pontilhista de «Marie Jeanette de Lange»;
- 1905 – Converte-se ao catolicismo – pintura religiosa;
- 1928 – Morre a 3 de Março em Haia, sendo sepultado na igreja *Sint Petrus Banden* em Kerkhoflaan.

«As três Noivas»

Exposto no *Nederlandsche Etsclub* em 1893, representa três noivas de diferentes aspectos de feminilidade – à esquerda, vestida impecavelmente, a noiva apresenta um ar inocente, quase piedoso, mas também de aspecto um pouco temível; ao meio, a noiva semi-nua, logo vulnerável, coroadada e sob um véu translúcido, pronta para o casamento; à direita, de olhar quase demoníaco, a noiva tem algo de assustador. À sua volta, um grupo de ninfas semi-nuas e algumas freiras à esquerda. Ao fundo, uma série de figuras trabalhadas de forma idêntica, como xilogravuras, quase com um efeito hipnótico.

É uma obra que reflecte o dualismo entre os sexos, a contradição entre homens e mulheres que, segundo as teorias filosóficas de Nietzsche, vê o homem como a força criativa, na arte e na vida, mas necessitando da mulher sob o ponto de vista emocional, posição que lhes dá um certo poder e, como tal, poderem ser uma ameaça para os homens.

Numa composição fortemente simétrica, as noivas destacam-se pela sua cor branca relativamente às tonalidade de preto mate e castanho ferrugem das ninfas, onde as influências do *Art Nouveau*, então emergente, são claras, sobretudo no tratamento ondulante dos seus cabelos.

Toorop, influenciado pelas correntes *Esticistas*, quase enfatiza os aspectos decorativos sobre os motivos simbólicos – a flor branca (fertilidade), bolhas de onde fluem as tranças das ninfas, mãos cruzadas, freiras cobrindo seus olhos, as rosas (pureza), os lírios (virgindade). Como tal, é considerada uma das primeiras obras verdadeiramente simbolistas na pintura holandesa.



Aubrey Vincent Beardsley

- 1872 – Nasce a 1 de Agosto em Brighton; 1884 – Aparece como jovem talento musical;
- 1888 – Estuda na *Brighton, Hove and Sussex Grammar School*; – Publica poemas, desenhos e cartoons na revista escolar *Past and Present*;
- 1892 – Estuda na *Westminster School of Art* com Fred Brown; Viagem a Paris – conhecimento da arte do cartaz de Toulouse-Lautrec e das estampas japonesas;
- 1893 – Participa na ilustração de «Le Mort d'Arthur» Thomas Malory;
- 1894 – Fundador do periódico literário «The Yellow Book» – é afastado em 1896;
- 1896 – Fundador do periódico literário «The Savoy»; – Sofre de uma hemorragia;
- 1897 – Converte-se ao Catolicismo – ordena a destruição dos seus desenhos eróticos;
- 1898 – Morre de tuberculose a 18 de Março em Menton, e sepultado no *Cimetière du Vieux-Château*.

«Salomé – A Saia Pavão»

Salomé é uma tragédia em um acto escrita em francês por Oscar Wilde, baseado num tema bíblico, e publicada em 1893. A peça retrata os eventos que levaram à execução de locanaan (João Batista) por instigação de Salomé, enteada de Herodes Antipas, e a sua morte por ordem de Herodes. No ano seguinte, publicou a versão em inglês, aparentemente numa tradução de lord Alfred Douglas, que foi ilustrada com 17 desenhos litografados realizados por Beardsley, artista que conheceu por intermédio de Burne-Jones em 1893. Esta ilustração, a quinta, representa Salomé usando uma “saia” ornamentada com motivos inspirados num pavão, no momento em que Herodes lhe pede para realizar a dança dos sete véus.

As ilustrações criadas por Beardsley não apresentam consistência de estilo e nem sempre correspondem à narrativa. Em toda a sua obra, é clara a sua adesão ao *Esteticismo* nas representações a preto e branco de desenho simplificado. No entanto, criou uma estética gótica moderna que veio a representar o Art Nouveau, estética que pouco impacto teve em Inglaterra, dominada pelo Arts & Crafts, apresentando um desafio visual sedutor crítico da repressão da moralidade vitoriana. A propósito de Salomé, o crítico Peter Raby comentou: «*Beardsley gave the text its first true public and modern performance, placing it firmly within the 1890s – a disturbing framework for the dark elements of cruelty and eroticism, and of the deliberate ambiguity and blurring of gender, which he released from Wilde's play as though he were opening Pandora's box.*»



Bertrand Redon

- 1840 – Nasce a 20 de Abril em Bordéus – a alcunha tem origem no nome da mãe crioula, **Odile**;
- 1864 – Recusado em arquitectura na *École des Beaux-Arts*, estuda pintura com Jean-Léon Gérôme;
- 1871 – Viagem à Bélgica e Holanda; Dedicar-se ao desenho a carvão e à litografia – figuras fantásticas de sonhos e pesadelos;
- 1872 – Publica o álbum litográfico «Dans le rêve»;
- 1880 – Casa-se com **Camille Falte**;
- 1890 – Dedicar-se à pintura a pastel e óleo – domínio da cor;
- 1899 – Maurice Denis apresenta-o ao grupo Nabis – exposição na galeria de Durand-Ruel; Executa com M. Denis pinturas decorativas na casa do compositor Chausson;
- 1900 – 17 painéis decorativos para a sala de jantar do *Château de Domecy-sur-le-Vault*;
- 1908 – Viagem a Itália; Realiza cartões de tapeçaria para a *Manufacture des Gobelins*;
- 1913 – Publicação de desenhos e litografias por André Mellerio; Exposição no *Armory Show*, N.Y.;
- 1916 – Morre a 6 de Julho em Paris, sendo sepultado no cemitério de Bièvres.

«Ofélia»

Redon elaborou uma série de pinturas sobre o tema de *Ofélia* – «Ofélia», «A morte de Ofélia», «Ofélia entre as flores». O tema foi também abordado por outros pintores, como Millais (obra atrás analisada), Waterhouse, Cabanel, Frances MacDonald, Jules J. Lefebvre ou Heyser, entre outros. A obra inspira-se na peça de William Shakespeare, *Hamlet*, representando Ofélia num lago de lírios (na peça, seria num rio da Dinamarca), presumivelmente logo após o seu suicídio.

Odilon Redon é conhecido pela simbiose entre naturalismo artístico e cenas imaginativas, baseadas no sobrenatural, de carácter simbólico, executadas de uma forma altamente representativa. Sobre essa precisão, afirmava: *«sempre que uma figura humana não dá a ilusão de que está prestes a sair do quadro para andar, agir ou pensar, o desenho não é verdadeiramente moderno.»*

Ofélia é representada de um ponto de vista incomum, de cima para baixo, em repouso num espaço luminoso cheio de flores vibrantemente coloridas, uma influência das estampas japonesas muito em voga na Europa. Pelo contrário, o seu rosto é drenado de cor, o que causa uma incerteza sobre o seu estado – se ela está morta ou se apenas dormindo – uma associação de beleza juvenil com sonhos, sono e morte, um tema comum na literatura do final do século.